



ALMA **naque**

naque **ENFOC** **naque**

ALMA **um fazer de**

naque **muitas mãos**

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA - CONTAG

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente - Aberto Ercilio Broch

Vice-Presidente e Secretária de Relações Internacionais - Alessandra da Costa Lunas

Secretário-Geral - David Wylkerson Rodrigues de Souza

Secretário de Finanças e Administração - Aristides Veras dos Santos

Secretário de Formação e Organização Sindical - Juraci Moreira Souto

Secretário de Assalariados e Assalariadas Rurais - Antonio Lucas Filho

Secretário de Política Agrária - Willian Clementino da Silva Matias

Secretário de Política Agrícola - Antoninho Rovaris

Secretário de Políticas Sociais - José Wilson de Souza Gonçalves

Secretária de Meio Ambiente - Rosicléia dos Santos

Secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais - Carmen Helena Ferreira Foro

Secretária de Jovens Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - Maria Elenice Anastácio

Secretário de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Terceira Idade - Natalino Cassaro

CONSELHO POLÍTICO GESTOR

Representantes da Direção da Contag

Alberto Ercílio Broch - Presidente

Juraci Moreira Souto - Secretário de Formação e Org. Sindical

Aristides Veras dos Santos - Secretário de Finanças e Administração

Carmen Helena Ferreira Foro - Secretária de Mulheres

Trabalhadoras Rurais

David Wylkerson Rodrigues de Souza - Secretário-Geral

Maria Elenice Anastácio - Secretária de Jovens Trabalhadoras e

Trabalhadores Rurais

Representantes das Regiões

Centro-Oeste - Cleudes de Souza Ferreira – Fetagri/MT

Nordeste - Francisco Ivaí da Silva Santos – Fetag/MA

Norte - Izete Rodrigues Rabelo – Fetag/AM

Sudeste - Pedro Mário Ribeiro – Fetag/MG

Sul - Agnes Margareth S. Weiwanko – Fetag/SC

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA CONTAG – ENFOC

EQUIPE PEDAGÓGICA

Amarildo Carvalho de Souza - Assessor de Org. e Formação

Antenor Martins de Lima Filho - Assessor de Org. e Formação

Antonio Gilberto Viegas da Silva - Assessor Regional Centro-Oeste

Antonio Ricardo F. de C. Matos - Assessor da Sec. Geral

Armando Santos Neto - Assessor da Secretaria de Jovens

Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

Cléia Anice de M. Porto - Assessora de Política Agrária

Decio Lauri Sieb - Assessor de Política Agrícola

Elizário Noé Boeira Toledo - Assessor de Meio Ambiente

Givanilson Porfirio da Silva - Assessor Regional Nordeste

Iara Duarte Lins - Assessor de Org. e Formação

José Lourenço Cadoná - Assessor Regional Sul

Junior César Dias - Sub-Seção Dieese

Maria Aparecida Silva de Souza - Assessora Regional Norte

Maria Cavalcante Vicente - Assistente Técnica Terceira Idade

Marleide Barbosa de Sousa - Assessora de Fin. e Administração

Raimunda Oliveira Silva - Assessora de Org. e Formação

Sara Deolinda C. Pimenta - Assessora de Mulheres

Trabalhadoras Rurais

Silvia Helena De-Zan - Assessora Regional Sudeste

Tânia Dornelles - Assessora de Políticas Sociais

EQUIPE OPERATIVA

Secretário de Formação e Org. Sindical - Juraci Moreira Souto

Coordenadora Pedagógica - Raimunda de Oliveira Silva

Assessores/assessoras - Amarildo Carvalho de Souza,

Antenor Martins de Lima Filho, Iara Duarte Lins,

Raquel Luiza C. dos Reis Silva

Secretaria da ENFOC

Gisele Nunes de Sousa Lima - **Secretária da Enfoc**

Simone Raquel Alves M. Lira - **Auxiliar administrativo**

ALMA *naque*
naque **ENFOC** *naque*
um fazer de
muitas mãos

organizadores

Alexandre Ribeiro Botelho Merrem

Célia Hissae Watanabe

Raimunda de Oliveira Silva

ALMANAQUE ENFOC

Um fazer de muitas mãos

Coordenação:

Juraci Moreira Souto - Diretor da Contag, Agricultor Familiar, Técnico em Contabilidade

Organização

Alexandre Botelho Merrem - Educador Popular, Filósofo

Célia Hissae Watanabe - Educadora Popular, Mestre em Gestão de Políticas Públicas

Raimunda de Oliveira Silva - Historiadora, Coordenadora Pedagógica da ENFOC

Textos

Alexandre Botelho Merrem - Educador Popular, Filósofo

Ana Maria Menezes Rodrigues - Assessora da FETAG/MA, Bacharel em Direito

Antonio Gilberto Viegas da Silva - Assessor Regional da Contag, Médico Veterinário, Especialista em Gestão Estratégica e Extensão Rural

Célia Hissae Watanabe - Educadora Popular, Mestre em Gestão de Políticas Públicas

Celma Moreira da Silva - Assessora da FETAG/GO, Assistente Social

Ediane Alves Nascimento - Assessora da FETAG/BA, Pedagoga

Elaine Maria Silva das Neves - Assessora da FETAG/PE, Especialista em Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar

Engracia Viviane Rodrigues da Silva - Assessora da FETAG/SE, Especialista em Planejamento e Gestão de Projetos Sociais

Evandro Vieira dos Santos - Assessor da FETAG/AL, Engenheiro Agrônomo

Gilmar Boa Morte Vaz - Secretário de Formação Sindical do STTR de São Miguel do Guaporé/RO

Jose Lourenço Cadona - Assessor Regional da CONTAG, Pedagogo

Joyce Samara de Holanda Maia - Educadora Popular, Pedagoga

Helena Ferreira da Cruz - Assessora FETAG/PA, Tecnóloga em Gestão Ambiental

Maria Aparecida Silva de Souza - Assessora da FETAG/RR, Educadora Popular, Bióloga, Mestre em Recursos Naturais

Maria Darione David Lima - Assessora da FETAG/RN, Técnica em Agropecuária

Maria dos Passos Viana Bottega - Assessora FETAG/SC, Especialista em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, Mestre em Agroecossistemas

Maria Rosa de Sousa Rodrigues - Assessora da FETAG/CE, Educadora Popular e Graduada em História

Mariléia Tonietto - Assessora da FETAG/PR, Mestre em Sociologia

Design - João Lin e Kleber Monteiro

Revisão - Lolita Domingos Barbosa Campos

Colaboração:

Amarildo Carvalho de Souza - Assessor da Contag, Historiador

Antenor Martins de Lima Filho - Assessor da Contag, Educador Popular, Mestre em Educação

Iara Duarte Lins - Assessora da Contag, Advogada

EE747 Escola Nacional da Formação Político-Sindical da Contag-ENFOC :

Almanaque Enfoc, um fazer de muitas mãos/ organizadores Alexandre Ribeiro Botelho Merrem, Célia Hissae Watanabe, Raimunda de Oliveira Silva. – Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, 2011. – 72 p. : il. - (Experiências Enfoc ; 2). ISBN

1. Técnicas participativas. 2. Metodologias. 3. Educação político-sindical. 4. Sistematização. 5. Práticas pedagógicas. I. Merrem, Alexandre Botelho. II. Watanabe, Célia Hissae. III. Silva, Raimunda de Oliveira. IV. ENFOC – Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag. V. Título. VI. Série.

CDU : 37.01
37.013

Tania Maria Kalaitzis Lima - CRB 10 / 1561

PARA TODOS

VEMI VEMI

Ó LIBERDADE SONHADA

REACENDE A CHAMA DA LUTA

QUE AINDA FUMEGA NA GENTE

DEVOLVE-NOS O PERFUME DA VIDA

DÁ-NOS A SENSÇÃO SABOROSA DA VITÓRIA

É TEMPO DE LUTA, DE SONHOS, DE PAZ

DE HISTÓRIA FORJADA, NAS MÃOS DESTE POVO

QUE EMPUNHA, SEGURA A BANDEIRA DA VIDA!

VIVA AQUELES QUE TÊM SANGUE NO OLHO!

VIVAM OS QUE VEEM O AMANHÃ!

atualizado

Índice

Apresentação 10

Memória e identidade 12

Janela da Memória 14

Mapa da Migração 16

Memorial 18

Magia do aprendizado 22

Mosaico 24

Ciranda literária 28

Mandala 32

Vivendo o júri simulado 34

Cartas 36

Visitas pedagógicas 38

Oficinas pedagógicas 40

Poesia e sonho 44

Baú dos sonhos 46

Poesia 48

Mística 52

Fazendo Juntos/OS 54

Ao redor do fogão 56

Participar é fazer a diferença 60

Comissões de trabalho: a arte de fazer junto 62

Rede de educadores 64

Avaliação de processos formativos 66

Não termina aqui 68

Apresentação

O presente almanaque é a expressão dos sonhos de muitos dos que constroem a Enfoc e que vem descobrindo um jeito novo de contar as experiências, como foi a escrita coletiva do livro *Repercussões de um jeito de ser Escola*. Nasce do desejo de se ter algo que ajude o processo de multiplicação criativa da ENFOC. “Que cara teria” e “como seria feito” compunham as indagações iniciais que motivaram a rede de educadores e educadoras a se reunir para afinar as ideias e a dar forma e conteúdo.

Muitas idas e vindas, reuniões, trocas de e-mails, oficinas de trabalho. Criatividade e harmonia permearam a caminhada, de modo que as produções ganharam forma, agregaram contribuições e se materializaram em largos passos dados coletivamente. Tudo nele é de autoria de todos que embarcaram nessa viagem.

Boa leitura, boas aventuras recreativas!

Alberto Ercílio Broch – Presidente da Contag
Juraci Moreira Souto – Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag



ALMANAQUE

Este almanaque é diferente, não é um amontoado de informações, nele se encontrarão vida, pessoas, sentimentos, sabores, alegrias, lembranças, vivências... Nele existem mapas com sugestão de caminhos para várias direções, não como um guia predefinido de passos estabelecidos, mas com jeito diferente e animado de caminhar:

Sem fórmula,
 Sem modelo,
 Sem receita,
 Sem roteiro...

É um material que contém a leveza da alma, dá liberdade para a criação, estabelece verdades com as quais todos podem e sabem construir conhecimentos. Basta acreditar e começar a fazer. Simples e fácil assim...

Como ele é feito de gente e embebido de sentimentos e emoções, não se pode: Rasgar, pois o coração não aguentaria tamanha dor. Sujar, pois o cuidado com a aparência é importante e ele fará parte de ti. Largar na gaveta, ele pode se entristecer e se entregar às traças.

Deve ser
 Lido várias vezes,
 Compartilhado com a família, amigos e amigas...
 Utilizado nos momentos formativos,
 Ser fonte de inspiração e reflexão,
 Pra se conhecer,
 Namorar as ideias,
 Planejar,
 Se divertir,
 Se encantar e incentivar a refazê-lo de um jeito diferente.

memória e

identidade

Janela da MEMÓRIA

A memória é o único paraíso do qual não podemos ser expulsos.

Johann Paul Richter



Reviver e refletir sobre as vivências, nos permitir falar e compreender os mistérios da vida. Ver com os olhos do tempo, abrir as janelas e visualizar o que já vivemos, exercitar o diálogo entre o passado e o presente.

Lembrar-se do que aconteceu há minutos, horas, dias, meses. Olhar nossas lembranças através da nossa mente, acionar o mecanismo que nos possibilita olhar a passagem do tempo. A esta vivência chamamos de Janela da Memória, um jeito diferente e criativo de vivenciar o passado.

Imaginemos olhar nossa vida, identificando um fato ou situação vista por uma janela. O que vemos dessa janela? O que ela revela e o que ela esconde? Que janela é essa?

Abrir a janela que nos leva para determinado tempo e lugar. Temos a opção também de abrir a janela e optar para onde queremos olhar. Este movimento nos oferece várias possibilidades de saborear o tempo vivido a partir de diferentes perspectivas e cenários.

Pois bem, aqui cabe nossa viagem, nosso jeito particular, específico e criativo de fazer. Faça sua viagem pelo tempo, observe sua janela, se permita olhar e voltar no tempo, sentindo como é gostoso (re)viver, pois é possível ressignificar o passado.

Utilizando cartolinas, tesoura, cola, imagens, foi desenhada uma janela. Um educando debruçou-se sobre a janela e falou dos momentos vividos no dia anterior, incorporando um personagem de contação de histórias e assim socializou de um jeito criativo e particular suas lembranças.

Os(as) educandos(as) vivenciaram esse feito pedagógico, trazendo, nas falas, os vários momentos do curso.



EU GOSTO DE MINHA JANELA
POR ELA, ÀS VEZES
EU POSSO SAIR FUGITIVO
CORRENDO, CORRENDO
NA DIREÇÃO DE MINHA INFÂNCIA!



MAPA da MIGRAÇÃO

O mapa da migração é um recurso pedagógico utilizado em nossos itinerários formativos da ENFOC, para criar um ambiente de camaradagem e desinibição a partir do reconhecimento da diversidade e afinidade do grupo. Permite focar a memória e identidade individual e coletiva, olhar para a história de vida, para as andanças e perceber como cada pessoa se reconhece nesse lugar. Possibilita entrar em contato com a história política, social e econômica de cada região e sua relação com outras localidades. Cruzam-se, neste momento, as trajetórias pessoais, familiares e regionais.

Os participantes se posicionam a partir de indicações geográficas, por exemplo: mapa do Brasil, mapa dos biomas, bacias hidrográficas ou referências imaginárias, correspondente ao seu local de origem. Em seguida, falam sobre a trajetória familiar e sua própria história, até chegar ao local onde se encontra atualmente.

Durante sua realização, as pessoas identificam as motivações que as levaram a estar nesse lugar. Saber de onde vieram, porque vieram, em que situação chegaram. Ao falar de sua trajetória de vida, explicitam os sonhos desfeitos, alguns realizados, esperanças, desesperanças e em que sentido querem caminhar. Salta aos olhos a diversidade de trajetórias migrantes.

Pode-se contar a história caminhando sobre o mapa, seja ele real ou imaginário. As outras pessoas, em círculo, observam as narrativas. São relatos de fatos alegres e tristes que as pessoas queiram expor. A subjetividade humana fala mais alto.



*Você alguma vez
construiu o seu mapa
da migração? Todos
nós temos um que
sempre nos guia
quando necessário...*

MAS EXISTE NAS ESTRADAS
E NOS CAMINHOS DA HISTÓRIA
MUITOS PONTOS ONDE A GENTE
TEM PARADA OBRIGATORIA
QUEM NÃO PARA, OLHA, ESCUTA
ACABA PAGANDO MUITA
OU NÃO SAI COM A VITÓRIA.

Zé Vicente



MAPAS

O sentido da orientação dos espaços, caminhos, arrumações é algo inerente a cada pessoa. Para realizar pequenas, médias ou grandes tarefas, somos levados a planejar, fazer um mapa. Ao decidirmos por uma ação, como andar pela casa, pelas ruas da cidades, por atalhos, veredas e desvios, organizamos mentalmente os mapas com os passos a serem seguidos. Nosso senso de direção monitora a qualidade e o rumo do que foi mapeado.

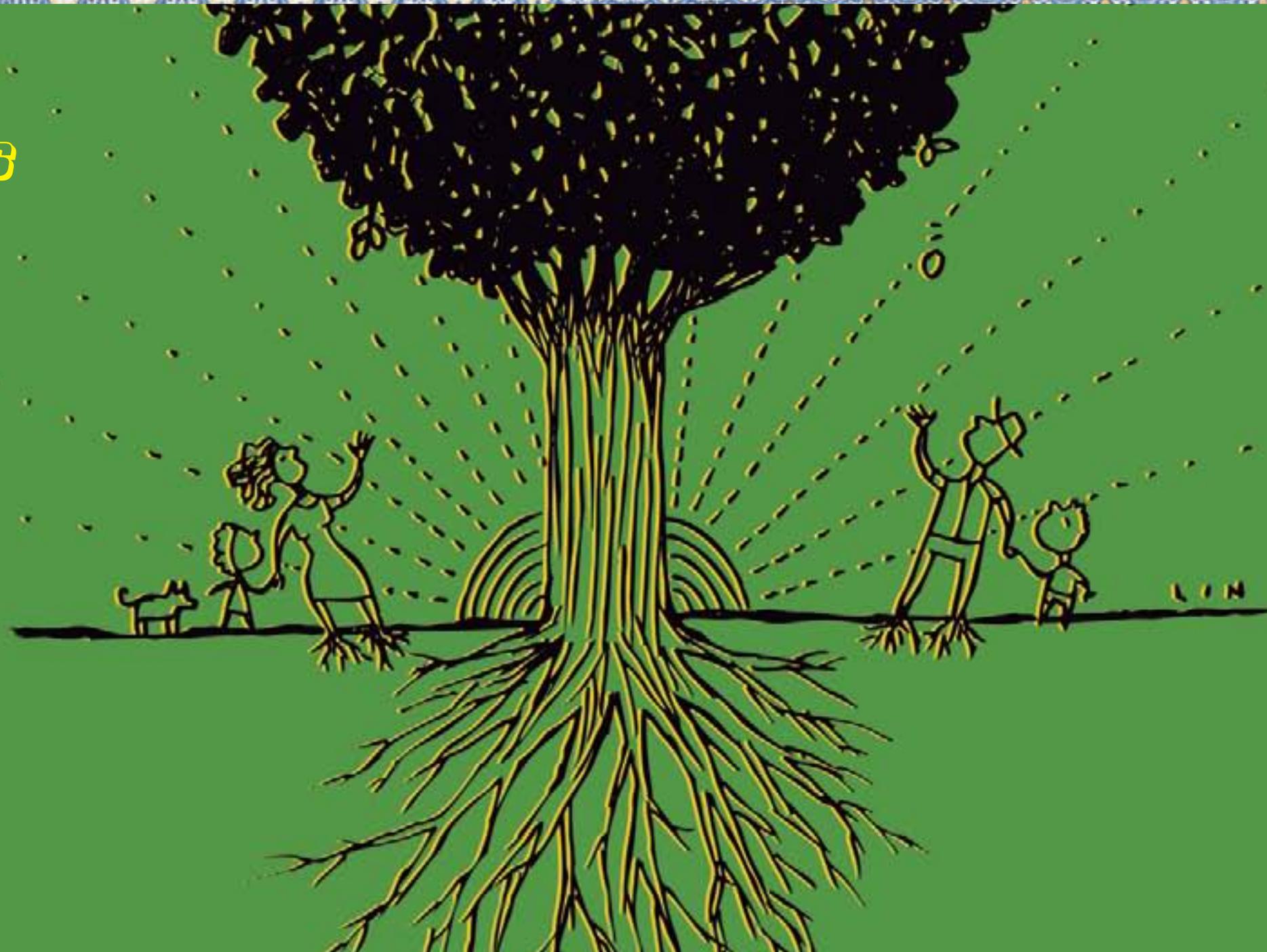
MEMORIAL

“Revisitando as trajetórias de vida”

O que é um memorial? É sair em busca de informações presentes e passadas, algumas dessas esquecidas no tempo. É vasculhar a nossa história, tarefa que exige muito, pois implica mergulhar no próprio ser.

O memorial é um exercício de interrogação de nossas experiências passadas, para fazer aflorar recordações/lembranças e também informações que confirmam novos sentidos ao nosso presente.

Fazer um memorial consiste, então, em escrever a própria história, um exercício de autoconhecimento. Revela a trajetória pessoal em uma dimensão reflexiva, pois quem relata se inter-



roga e deseja compreender-se como o sujeito de sua própria história. O memorial pode ser expresso de várias maneiras: verbalizando, escrevendo, com fotos, ou artisticamente pelo teatro ou ainda pelas pinturas rupestres, por exemplo.

Contribui para a sociabilização do grupo, pois potencializa o autoconhecimento e permite a compreensão da identidade coletiva, melhorando a convivência entre as pessoas.

É importante criar um clima de acolhimento e cumplicidade com o grupo, possibilitando um ambiente de abertura para a socialização das experiências vivenciadas.

magia

do aprendizado

MOSAICO



Sou um mosaico cheio de pedacinhos que não combinam, mas que tentam se encaixar e formar uma imagem harmônica.
(Renata Flores)

Imagens e cores desenhadas a partir dos fragmentos da estória que, juntos, expressam os sentimentos do grupo. O mosaico oportuniza externar situações, compreensões, experiências e estado de espírito, a partir de cores, imagens e ilustrações.

Construir um mosaico significa sentir o cheiro e o gosto da liberdade, viajar no universo da imaginação, fazer retalho, juntar pedaços, misturar cores para expressar, em sintonia, a beleza do feito coletivo e externalizar a diversidade e a riqueza do nosso universo interior.

O mosaico permite várias possibilidades, assim como também nos deixa livre para utilizarmos materiais diversos para sua construção. Reúna seu grupo, discuta, dialogue e construa também um mosaico. É divertido e aprendemos brincando a fazer coisa séria, proporcionando assim a construção coletiva do conhecimento.

ROMPER OS LIMITES DO ESPAÇO
QUEBRAR AS AMARRAS DO TEMPO
SUPERAR OS MUROS ESCUROS DO MEDO
ESTAR AÍ ONDE VOCÊ LUTA E SONHA!
SOMOS COMPANHEIROS. NÃO?
GOSTOSO É CAMINHAR UNIDOS
PELA CAUSA DA CLARIDÃO.

MOSAICO



2 Antes, porém, de construir desenhos, pinturas e imagens, o grupo fez um momento de reflexão e diálogo sobre os temas propostos, considerando suas potencialidades, fragilidades e desafios.

1 A experiência metodológica vivenciada no processo formativo em que utilizamos o mosaico nos permitiu expressar diferentes temas, dentre eles: a organização das mulheres, da juventude e da terceira idade; as questões étnico-raciais, as lutas sindicais, as ações de massa, a seca, as lutas pela terra e tantos outros mais.



4 Em seguida, após observação das diferentes expressões do mosaico, o grupo foi convidado a compor uma moldura que o incrementou. Foi feita depois uma partilha sobre o que o mosaico revelou sobre o tema. O segredo do sucesso dessa vivência foi o grau de envolvimento e mergulho do grupo.

3 Após essa reflexão, o grupo passou a expressar sobre o tecido a sua arte, utilizando pin-céis, tintas de cores variadas, recortes de jornais e outros materiais, compondo assim um grande mosaico que expressa, de forma criativa e artística, a compreensão do grupo sobre o tema trabalhado.

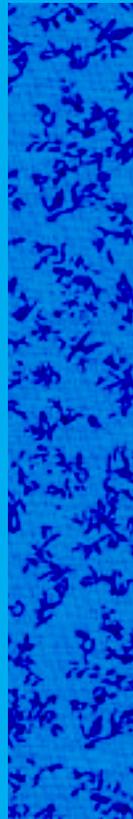




MOSAICO



MOSAICO



Ciranda LITERÁRIA

A Ciranda Literária entra em nosso meio de um jeito divertido, criativo e coletivo de fazer leitura. São vários olhares para o mesmo texto, no qual cada pessoa consegue perceber algo diferente. Essa percepção não surge a partir de uma orientação do trabalho, mas do olhar carinhoso e atencioso que fazemos ao texto. Essa leitura nos leva a vários lugares, momentos, pessoas, cheiros... Nos vemos como protagonistas da história, nos tornamos parte dela para melhor entendê-la. A partir dessa imersão, iniciamos uma conversa, um “bate bola”, no qual identificamos elementos, aspectos comuns ao grupo, ao lugar de onde viemos, à nossa referência étnica, à cultura, dentre outras dimensões.

As impressões e sentimentos não ficam somente para o grupo; são socializadas, compartilhadas. A ciranda nos permite girar, circular nossas compreensões, entendimentos, concepções, dificuldades e descobertas na leitura.

O objetivo da Ciranda Literária é o de dialogar com as obras literárias ou fragmentos delas. Identificar e compreender seu propósito social, o autor, o contexto político, econômico e social no qual está inserido e sua intencionalidade. Ao ler e re-

fletir, educandos (as) interpretam os textos, inserem reflexões e imagens, dando um novo sentido ao que foi produzido pelos autores.

A literatura tem a capacidade de nos reportar a lugares nunca visitados e experimentar situações nunca vividas antes. Acende a memória de fatos reais das nossas vidas ou de alguém próximo.

Na ENFOC, a intenção é possibilitar uma visão que estimule a imaginação e contribua para uma reflexão sobre a identidade pessoal e coletiva. Isso possibilita o diálogo com a realidade apresentada pelo autor, despertando nos/as educandos/as sentimentos de natureza variada – orgulho, saudade, indignação, e o mais importante deles: o sentimento de pertencimento.

Buscamos, por meio da linguagem literária, entender a região, sua história, a vida do povo, para extrair aprendizados de como enfrentar a opressão, a violência e a privação de direitos e de cidadania. O fazer formativo desperta para a necessidade de criar e recriar formas diferentes de discutir temas pertinentes à reprodução social no campo. Uma simples e prazerosa aventura, uma visita à contribuição histórica dos nossos artistas populares, clássicos, que retratam, cantam, cultuam e falam sobre nossa região.

APRENDI NUMA CIRANDA

APRENDI NUMA CIRANDA QUE SOU NORDESTINA,
MESMO VIVENDO NA MATA;
MESMO ME MOLHANDO NA ABUNDANTE CHUVA,
VENDO O MAR TODOS OS DIAS.

APRENDI NUMA CIRANDA QUE SOU NORDESTINA,
SEGURA NA MÃO DE GRACILIANO RAMOS,
DE LUIZ GONZAGA E PATATIVA DO ASSARÉ;
CANTAMOS LINDAS CANÇÕES QUE ME FIZERAM SENTIR
O QUE É SER NORDESTINA.

VI...

QUE CARREGAR ÁGUA NA CABEÇA,
ASSISTIR AO GADO MORRER DE SEDE,
VER O CHÃO RACHADO
E AS JOVENS SE DESPEDIREM DE SEU LUGAR
TAMBÉM É SER NORDESTINA.

MOLHADA OU SECA A TERRA FAZ BROTAR
O QUE É POSSÍVEL EM CADA LUGAR.
FINDANDO COM ESSA RIMA,
ME DÊ LICENÇA, MEU POVO
MESMO SENDO A MESMA LUA.

“NÃO HÁ Ó GENTE, Ó NÃO, LUAR COMO ESSE DO SERTÃO”

EDIANE ALVES NASCIMENTO



CIRANDA

CIRANDA, BRINCADEIRA DE RODA
É UMA DANÇA POPULAR, COLETIVA E CIRCULAR QUE NASCEU NAS AREIAS DA PRAIA
CUJO MOVIMENTO LEMBRA O BALANÇO DAS ONDAS DO MAR
PODE-SE DANÇAR EM PEQUENOS E GRANDES GRUPOS NUM SÓ CÍRCULO
OU EM CÍRCULOS CONCÊNTRICOS
SUA MAGIA É PODER GINGAR NUM SÓ PASSO
ORA PARA UM LADO, ORA PARA O OUTRO
PERMITE UM OLHAR NOS OLHOS DE CADA PESSOA
NUM CONSTANTE MOVIMENTO DE IGUALDADE E ENCONTRO
É UMA DANÇA QUE APROXIMA E AFASTA
DE MÃOS DADAS EM HARMONIA.

Mandala

Este recurso se inspira nas formas e ideias da mandala, com figuras organizadas simetricamente de forma circular.

A formação circular representa equilíbrio. A construção da mandala se dá disponibilizando as representações (tarjetas manifestando as ideias, objetos...) a partir de um círculo central, simbolizando a totalidade das ideias, de dentro para fora, mas também pode ser na ordem inversa, de fora para dentro. Para instigar o coletivo, podemos simbolizar, no centro da mandala, as possibilidades, os desejos, as inquietações.

Por seu elemento místico, a mandala é um atrativo que estimula a concentração e facilita a visualização de uma construção coletiva do conhecimento. Tem muitas utilidades e seu formato favorece a organização das ideias.

Faz aflorar a criatividade, aguçando os sentimentos. Resgata sentimentos pessoais

As pessoas são convidadas a se posicionarem em um grande círculo, simbolizando a igualdade, para que possam se ver e ver o que está sendo construído coletivamente. Pode-se utilizar vários tipos de materiais, respeitadas as condições e peculiaridades locais. O grupo pode se expressar por meio de desenhos, figuras geométricas, palavras-chaves, fotos, grãos, objetos e outros símbolos. O importante é vivenciar a prática da construção coletiva do conhecimento, organizar as ideias e entrar em contato com os próprios sentimentos. O resultado final é sempre rico de expressões e bonito de se ver.

e inspira o sujeito a trazer aquilo que lhe é mais importante: sua caminhada, vivência, práticas, etc. A pessoa se reflete no desenho da mandala, ao mesmo tempo, no reflexo do outro. Essa diversidade de percepções se complementam, pois, mais que um recurso pedagógico, a mandala passa a ser uma fonte de energia.

A mandala ajuda a dinamizar o processo formativo, desenvolver diversos temas ou ainda ser instrumento de avaliação.

A partir de nossa vivência na mandala, podemos dizer que ela nos permite construir compreensões sobre os conteúdos trabalhados; estimula a exteriorização dos sentimentos guardados; possibilita falar de nós mesmos de um jeito que nunca falamos; nos leva a viajar no tempo e traz fatos importantes vivenciados; permite-nos tocar nas feridas e visitar nossas sombras para ressignificá-las, visando à mudança de nossa prática social.

MANDALA E A AVALIAÇÃO

DEFINIR ASPECTOS
A SEREM AVALIADOS E DISPONIBILIZAR
MATERIAL DIVERSIFICADO PARA QUE AS PESSOAS
REPRESENTEM SEU GRAU DE SATISFAÇÃO OU
DE ASSIMILAÇÃO COM RELAÇÃO
À QUESTÃO PROPOSTA.

A palavra Mandala tem origem no sânscrito (idioma antigo da Índia), significa "circuito" e, em geral, designa toda figura organizada ao redor de um centro. Ela é um símbolo universal.



VIVENDO

o júri simulado



O que é o Júri Simulado? O júri simulado é uma vivência participativa, é uma metodologia com a qual podem ser trabalhados temas em um ambiente pedagógico extremamente instigador, com ricos debates.

É interessante na medida em que pode ampliar a capacidade de argumentação, seja para defender ou confrontar ideias e opiniões em um ambiente de compartilhamento. Em alguns casos, explicitam as contradições dos discursos formulados e as “verdades” pré-existentes. É uma forma brincante de fazer o debate com temáticas importantes, aprofundar e construir fortes argumentos para a disputa no “tribunal”. Coloca as pessoas em várias posições, seja de defesa ou de acusação de um determinado tema, fato ou personagem.

Uma das características marcantes do júri simulado é a possibilidade

O que movimenta o mundo é a busca por respostas para o que nos inquieta ou perturba. Muitas vezes precisamos de estudo, pesquisa e debate, para termos opiniões e conclusões sobre certos temas tidos como “polêmicos”.

de abordagem de temas polêmicos de forma lúdica e artística, pois permite desenvolver a capacidade de argumentar, mostrar os dois lados da história em encenações teatrais que muitas vezes emocionam os que estão simulando ou assistindo à ação.

Contradições entre discurso e prática sempre aparecem e tornam evidentes os limites com que defendemos as ideias e propostas.

Vale lembrar a diversidade dos caminhos que formaram os sujeitos, e que estes trazem a sua caminhada para a formação. Alguns apenas ouviram falar do tema, outros integraram parcialmente a história do movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais ou foram construtores de momentos belos, ricos, sofridos da luta pela transformação. O importante é propiciar um lugar de troca de experiências, compreensões e debate de ideias.



Cartas

Mesmo com o surgimento de outros meios de se comunicar rapidamente como o telefone, a internet, as cartas continuam sendo usadas. Por meio delas as pessoas têm a oportunidade de expressar sentimentos que não teriam condições de dizer pessoalmente.

Escrever cartas já não tem o mesmo significado de antes. Nossa primeira correspondência oficial, a Carta de Pero Vaz de Caminha é considerada por muitos, a Certidão de Nascimento do Brasil.

Escrever cartas é um recurso pedagógico presente no processo formativo na ENFOC. As pessoas são motivadas a socializar o que pensam e sentem, e que nem sempre conseguem expressar pela fala. Ajuda as pessoas a partilharem seus sentimentos, propicia um ambiente de confiança, identifica as mudanças de atitudes e posturas e avalia, de forma mais aprofundada, o processo formativo vivenciado. As cartas oportunizam também o participante compartilhar suas descobertas e esperanças, fornecendo subsídios qualitativos para a sistematização e avaliação do processo ensino-aprendizagem.

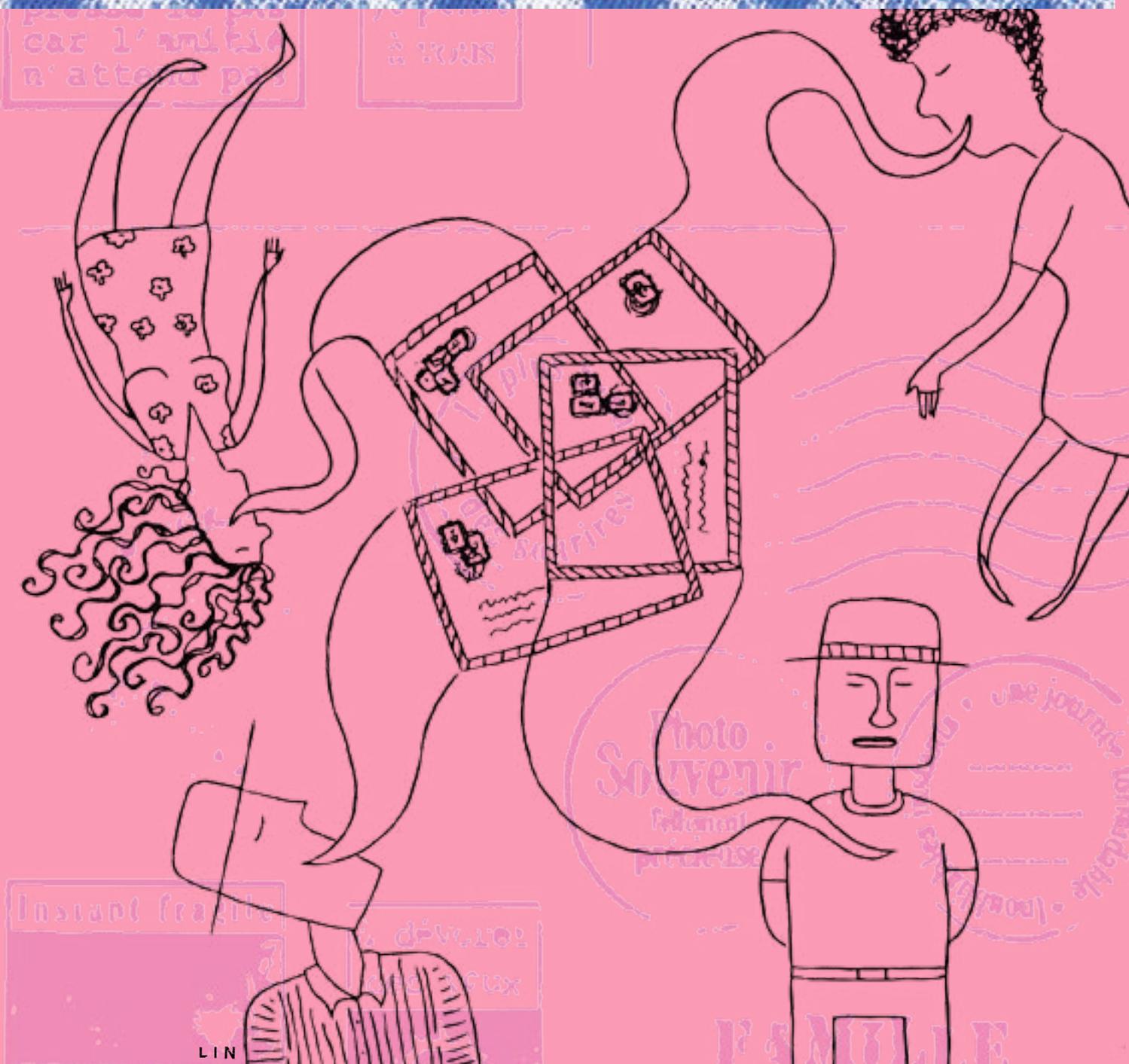
As cartas podem, em vários momentos, expor as nossas fragilidades, fazendo

com que, mesmo aquelas pessoas que não são muito afeitas, possam demonstrar seus sentimentos, por meio de lágrimas e risos. As cartas são enviadas aos seus destinatários se os escreventes assim o desejarem. Quem recebe a carta se surpreende com as demonstrações de carinho, saudade, afeto e amor.

Essa técnica necessita de cuidado no modo de conduzir e animar, em um ambiente calmo e acolhedor. A socialização é opcional, pois se trata de questões pessoais nascidas dos sentimentos guardados no coração.

Essa vivência oportuniza explicitar o sentimento de mudança, de capacidade, liberdade, alegria e transformação. Significa enxergar outras dimensões da vida, visualizar com clareza o projeto de sociedade que defendemos, valorizando os sacrifícios e fortalezas individuais, nas dores e alegrias do grupo, estreitando os laços de amizade e companheirismo.

As cartas ajudam a refletir sobre a formação, é expressão viva dos sentimentos e das relações de confiança. Ao optar por este caminho, é importante haver uma sensibilização, criar um clima de cumplicidade no grupo, pois esse recurso vai mexer com as emoções.



VISITAS

pedagógicas

Considerando que o processo formativo é inseparável da realidade vivida pelos trabalhadores (as) rurais, uma das ações pedagógicas propostas pela ENFOC é a visita pedagógica. Essa metodologia favorece melhor compreensão da realidade, a partir do conhecimento de novas experiências.

As visitas pedagógicas fundamentam-se na relação prática-teoria-prática, provocando diálogos a partir da interação com os sujeitos das experiências. São vivências que suscitam inquietações, dúvidas e questionamentos e estimulam ações para a transformação da realidade.

Mas como organizá-las? Requer saber observar suas diferentes dimensões, saber ouvir e perguntar. A visita pedagógica é organizada em fases: preparação, realização da visita e reflexão dialogada sobre a vivência.

No momento preparatório à visita, os (as) educandos (as) são provocados (as) a apurar o olhar sobre os aspectos históricos, culturais e de sustentabilidade, com especial atenção à organização social, produtiva, de gênero e geração. Um recurso utilizado é a elaboração de perguntas orientadoras relacionando os conteúdos teóricos trabalhados nos cursos com a realidade da experiência.

“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha”. (Leonardo Boff)

Mas qual é o grande desafio dessa vivência? Dentre muitos, destaca-se a necessidade de abrir-se para estabelecer uma relação de aprendizado baseado na troca, considerando as diferentes dimensões da vida, seus desafios, conquistas, dificuldades, expectativas e sonhos.

Para um bom aproveitamento da visita, alguns requisitos devem ser observados: a escolha da experiência, o contato anterior para sensibilizar as pessoas e a organização de todo o processo. O intercâmbio possibilita, de fato, a valorização do jeito de viver no campo e o reconhecimento do trabalho inovador, além de dar visibilidade à experiência. São elementos que evidenciam a capacidade e o esforço das famílias agricultoras em uma perspectiva do desenvolvimento rural sustentável.

Após a visita, busca-se um diálogo para refletir e sistematizar os aspectos observados. É espaço propício para rever compreensões e ampliar visões. Esse processo instiga debates sobre prática sindical, organização social e produtiva, relação com a natureza e outros fatores que evidenciam a viabilidade da vida no campo.

Como não poderia deixar de ser, cada um faz a sua leitura a partir da caminhada individual, baseado em seus referenciais e convicções.

Comunidade Terceiro Plano Contenda - Paraná

Seus membros desenvolvem um projeto alternativo de vida e de produção. Negam a lógica capitalista, ao vivenciar um outro estilo de vida em propriedade coletiva. As famílias cultivam produtos agroecológicos certificados, beneficiados na forma de conservas e compotas. São produtos certificados e comercializados a preços abaixo dos praticados no mercado com a intenção de democratizar o acesso aos produtos saudáveis.

Resgatam e mantêm práticas de sociabilidade esquecidas ou abandonadas pela “agricultura moderna”, como os mutirões. Durante a semana, almoçam coletivamente, o que fortalece o espírito coletivo fraternal. Para a promoção do bem-estar das famílias, levam em consideração, as aptidões individuais na distribuição dos trabalhos, bem como o ajuste dos seus horários conforme a estação do ano.



Sítio do Senhor Angelino

Em Rondônia, o senhor Angelino buscou um jeito de viver e preservar seu sítio a partir das potencialidades do ecoturismo, apostando na reciclagem de alguns materiais retirados do lixo na cidade de Ouro Preto do Oeste. Com sua capacidade criativa e investigativa, bem que poderia ser chamado de professor Pardal. Estabeleceu em sua propriedade uma forma sustentável de viver e produzir, mantendo a mata nativa. Criou um sistema próprio de telefonia e de acesso à internet. A casa onde vive, edificada dentro da mata, harmoniza-se com a natureza, aliando qualidade de vida e sustentabilidade.



OFICINAS

Pedagógicas

Você já foi à casa de um ceramista e viu este artesão trabalhando com o barro? Eu já. Nesse momento, experimentei três fortes sentimentos. O primeiro foi de admiração pela sensibilidade do artesão ao esculpir qualquer peça; o segundo, de que eu nunca conseguiria esculpir uma peça qualquer. Por fim, fiquei impressionada com a sensibilidade do seu tato. Enquanto produz a peça, ele sente cada pedacinho dela, mesmo uma pequena pedra no barro, o que colocaria a sua peça a perder. A matéria-prima é reaproveitada o tempo todo. Contudo e em meio a tantas percepções, senti prazer ao observar a arte do trabalho daquele artesão. Isso me remete a pensar no ser educador popular. O fazer formativo requer sensibilidade do educador, o tato e a observação, sua capacidade para refazer, superar-se

assegurando o equilíbrio da energia do que está sendo construído. O educador precisa ter a sensibilidade da necessidade da recriação decorrente do acolhimento e permissão da situação do grupo naquele momento.

As oficinas pedagógicas foram pensadas como espaço para proporcionar ao educador em formação a prática do seu aprendizado. O educador, que facilita os diferentes processos, interliga o seu eu e a realidade do grupo, numa fecunda relação pedagógica. Possibilitar a construção coletiva do conhecimento não é tarefa fácil, se no sujeito não houver uma verdadeira compreensão e aceitação do que venha a ser educador. Muitas vezes podemos ser tentados a pensar que não vamos conseguir ou que não temos conhecimentos e habilidades suficientes para assumir o papel de facilitador de um processo formativo.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

*Paulo Freire
Extensão ou Comunicação? - 1969*

É POR AMOR A VIDA QUE NOS ABRAÇAMOS





poesia



e sonho

Baú dos SONHOS

Há quem pense que sonhar é perda de tempo. Mas todos nós sonhamos, no entanto, apenas algumas pessoas se dispõem a reconhecer e perseguir os próprios sonhos. Sonhar implica diálogo permanente entre a mente e o coração. A razão e os sentimentos andam em sintonia. Para realizar sonhos, é necessário procurar os meios que nos levem a isso. Vivemos em um mundo imediatista, onde são raros os espaços que estimulem a arte de sonhar e que isso não seja considerado um exercício infundado da razão.

Em um processo formativo que sonha com a transformação dos sujeitos, é preciso manter os pés no chão e a mente em novas possibilidades. Assim, precisamos convidar as pessoas a irem

além do que as suas mãos possam tocar, viajar em seus sonhos e pelos sonhos das outras pessoas.

Desse modo, vivenciar um processo formativo requer conhecer de maneira acolhedora as pessoas envolvidas com os sonhos que embalam a sua vida. Ao compartilhar sonhos e conhecer, percebemos que muitas vezes não sonhamos sozinhos, que esses sonhos não são somente nossos.

Sonhamos enquanto dormimos e sonhamos acordados. E são estes últimos os capazes de transformar o mundo. A partir de sonhos individuais, construímos o sonho coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária, tendo como base o desenvolvimento rural sustentável e solidário.

Embalados pela música *Sonho impossível*, cantada por Maria Bethânia, nos reunimos em círculo, de mãos dadas, caminhamos até o baú que estava no centro da sala. Em tarjetas, escrevemos nossos sonhos individuais. Em seguida, caminhamos pela sala e depositamos nossos sonhos no baú. Depois nos organizamos em grupos, misturamos os nossos sonhos, recolhemos os sonhos individuais e, a partir deles, construímos os sonhos coletivos. Ao final dessa vivência, foi revelado o sonho comum.



O baú de memórias é uma variação dessa metodologia. Em vez de sonhos, o baú acolhe as memórias individuais, retratadas em fotos, recortes de jornal, objetos. Cada educando (a) e educanda recolhe aleatoriamente alguma simbologia das memórias do baú e, em duplas, conversam sobre suas histórias, acontecimentos marcantes e esperanças comuns. Ao final, são trocadas mensagens de motivação, de estímulo para a caminhada individual e coletiva, que remetam à esperança e ao sonho.

ESPERANÇA



POESIA

É difícil fazer Poesia? Segundo Patativa do Assaré, não.

“Pra gente aqui ser poeta não precisa professor. Basta ver no mês de maio um poema em cada gaio um verso em cada fulô”

A poesia enriquece o processo de ensino-aprendizagem. Possibilita que os sujeitos expressem seus sentimentos, colocando no papel ou verbalizando as idéias em poemas. Mais do que palavras, a poesia revela a alma, as utopias, a subjetividade, as vivências. A poesia ajuda a integrar as pessoas ao compartilhar ideias, diminuir barreiras, horizontalizar relações, enriquecer reflexões e perceber as várias dimensões da vida.

A poesia contribui para o entendimento da complexidade humana. Extrapola as narrativas frias dos fatos, acessa o imaginário, ultrapassa o limite do real, nos permite ser utópico, ir além das aparências.

É um recurso que revela talentos,

fontes de sabedoria e ensinamento. Ao mesmo tempo em que expressa o medo ou desnuda preconceitos, oportuniza a revisão dos nossos paradigmas e transformação da nossa ação cotidiana.

A poesia liberta as ideias, ajuda na leitura crítica, dá voz ao conhecimento popular e aos momentos de embriaguez do espírito. Oportuniza o contato com as diversas culturas e regiões, traz para a roda de diálogo as riquezas dos cordéis, rimas, histórias de vida e a contemplação da natureza.

Fazer poesia no processo formativo significa revisitar os momentos que o ser humano se traduz na mais bela forma de criação e doação. É quando as palavras servem como aporte de teoria para a prática. É a simbologia dos princípios norteadores de toda existência do processo inovador, pautado na multiplicação criativa. Ao ser socializada, a produção que até então era individual, passar ser coletiva. Ao aflorar a escrita, o “ser” extrapola o mundo da aparência para adentrar na essência da vida, sem máscara ou reserva, em uma viagem na e da subjetividade humana.



ENFOC e seus frutos

(NEUTOM - STTR DE MARABÁ/PA)

O QUE APRENDEMOS NA LUTA
TORNOU-SE AMOR E VIRTUDE
NA LUTA POR TERRA E CASA
EDUCAÇÃO E SAÚDE

LEGADO DE COMPROMISSO
PARA NOSSA JUVENTUDE. [...]

PARA AQUELAS LIDERANÇAS
QUE MORRERAM NA DISPUTA
QUE EMPENHARAM SUAS VIDAS
QUE TOMBARAM NESSA LUTA
ESTÃO VIVAS NOS VALORES DA CORAGEM E DA CONDUTA. [...]

EM CADA ROSTO QUE OLHO EU VEJO
A GRANDE SATISFAÇÃO DE FAZER PARTE DA ENFOC
E NESSA CONCEPÇÃO DE NOVA SOCIEDADE
É FAZER TRANSFORMAÇÃO. [...]

A ÁRVORE DA NOSSA ENFOC
NÃO DÁ FRUTOS PREMATUROS
NÃO CAI PELAS TEMPESTADES
O SEU TRONCO ESTÁ SEGURO
EM UM TEMPO MUITO PRÓXIMO

Vivência da dor

AS LÁGRIMAS TEIMAM EM DESCER NA MINHA FACE
LÁGRIMAS DE DOR, DAS FERIDAS AINDA ABERTAS. FERIDAS DO TEMPO...
TEMPO DE FOME... DE FRIO... DE SOFRIMENTO.
TEMPO, QUE MESMO COM A CONSCIÊNCIA DE QUE SOU GENTE,
MAS QUE DE TANTO ME TRATAREM COMO ANIMAL...
PASSO A AGIR COMO TAL.

(CELMA MOREIRA - EDUCADORA FETAG/GO)



A poesia é o “extravasar espontâneo
de poderosos sentimentos”.
(WILLIAM WORDSWORTH, 1800)



A mística se refere às questões da espiritualidade, do mistério, da subjetividade. O sentido da mística tem sido ressignificado pelos movimentos sociais e sindicais do campo. Assim, quando o Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) aborda a simbologia mística em seu caminhar, procura estimular uma vivência coletiva, de modo que, ao criar um ambiente de reflexão interior, faz com que as pessoas envolvidas passem a se enxergar como sujeitos, pois ela nos inspira e motiva, dando sentido ao nosso dia-a-dia.

A mística não é simplesmente uma apresentação feita no início dos encontros, seminários, cursos, entre outros. Ela oportuniza expressar o sentimento de pertencimento, simbologia, militância, nos remete a visitar nossa história e refletir sobre a prática. Na mística se quer expressar as razões que mobilizam as pessoas a estarem ali. As pessoas que vivenciam esse momento interiorizam e partilham lutas, ideais e sonhos celebrados que constituem sua identidade coletiva.

Nesse sentido, os momentos místicos trazem ensinamentos para a vida

e militância, colaborando para nos percebermos importantes no processo formativo. A mística não está à parte da caminhada formativa, não é um momento isolado, pois convida-nos a viajar por vários e diferentes universos, a percorrer várias dimensões subjetivas, espirituais, afetivas, ideológicas e militantes, com a intenção de nos encontrarmos e encontrarmos tantos outros e outras. É um momento de fazer-se classe, de sentir-se parte, de explicitar a identidade individual e coletiva.

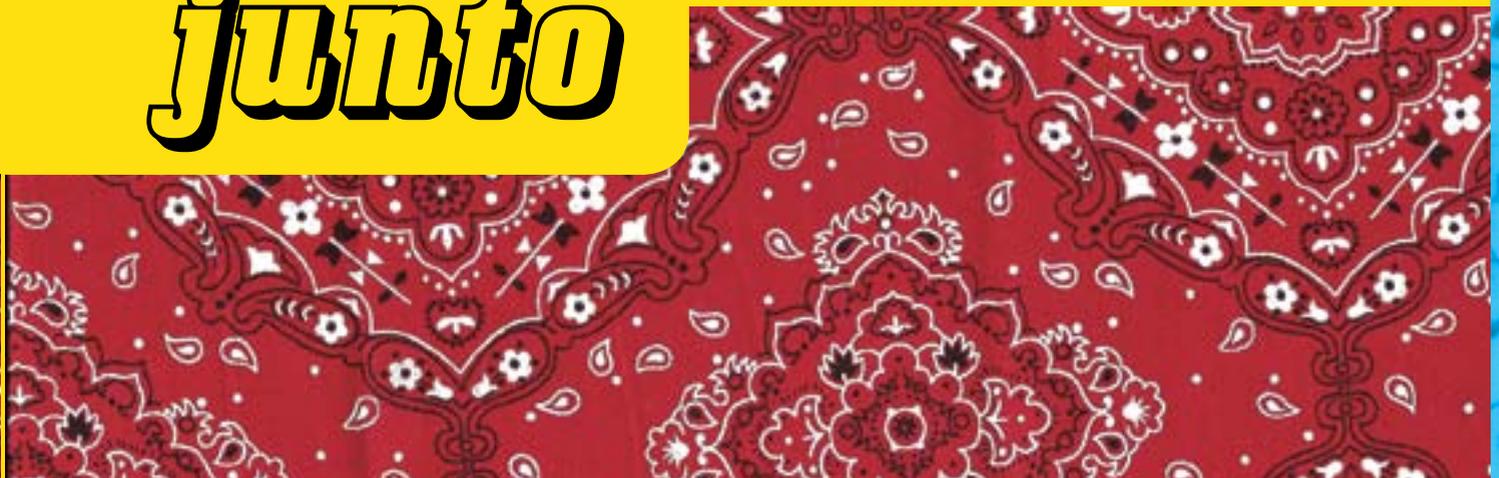
Muitas vezes é através do arrepio que ela nos provoca, da lágrima que nos faz derramar, do olhar apreensivo e encantado que a identidade de classe é fortalecida e a militância reafirmada. Nem sempre a fala é necessária. Uma música, um sorriso, mãos unidas, corações abertos ou um choro expressam a densidade e a importância deste momento.

Nosso corpo e nossa alma são embalados por sonhos. Permitimo-nos viajar através dos sons, imagens e símbolos, que nos leva para um mundo de (re)descoberta. A mística é assim: nos leva para lugares imprevisíveis, íntimos, que nos possibilitam uma profunda reflexão sobre nossa vida e o sentido dela.



a arte de fazer

junto



Ao redor do fogão

O preparo dos alimentos e o ato de alimentarse configuram, por sua natureza, um lugar de sociabilização, de longos papos e de expressões de carinho, amor e amizade. O aconchego à mesa, o prazer de compartilhar alimentos e conversas vem das famílias, dos encontros de amigos. “Quando nossas vivências se entrelaçam sem se confundir, elas podem enriquecer amplamente”, afirma Esther Grossi em seu livro de receitas “Mesa Sutra” (1998). Prossegue a autora:

[...] quando convivo com meu marido/namorado, com meus filhos, com meus netos e com os muitos amigos, inclusive em torno de uma mesa, descubro o valor da pessoa humana e o quanto merecem meu empenho crianças, jovens e adultos de qualquer condição social, que sejam afetados por minhas responsabilidades profissionais ou políticas (p.11).

Estar em um grupo diverso é sempre uma oportunidade para conhecer um pouco mais os costumes e as tradições que permeiam nossa gente. Ao vivenciar itinerários medianamente duradouros, é importante proporcionar espaços interativos lúdicos.

Conversas ao redor do fogão é esse momento de ir para a cozinha, trocar informações sobre as comidas típicas, os regio-

nalismos de cada ingrediente, de cada prato e de vivenciar o comer junto. Colocar, nas feitura dos alimentos, toques sutis das receitas de família, dos temperos trazidos nas bagagens e os segredos que os tornam inesquecíveis é encontrar um jeito de colocar algo mais que torne o alimento mais saboroso, um pretexto para consolidar as relações humanas. O ambiente da degustação, especialmente preparado para a vivência, acolhe e incita a boa prosa. Ao favorecer a convivência grupal, contribui com a afinação dos compromissos comuns dos futuros componentes da rede de educadores (as), pois fortalecem os laços e permitem conhecer melhor as pessoas.

Preparar, comer, conversar. É muito mais do que uma sequência de atos para manter o corpo e a cabeça funcionando. É também alimentar os sonhos comuns, compartilhar alegrias, ansiedades, às vezes tristezas. É pactuar afetividades e entrelaçar saberes que reforçam o sentido do aprender a aprender todos os dias uns com os outros.

Esse momento pode ser um jantar, um almoço, um café regional ou café colonial, um jeito de dar boas-vindas ou até logo.

Planejar esse momento junto. Não ser logo no primeiro encontro, pois o grupo deve estar em sintonia para embarcar nessa aventura gastronômica. As pessoas devem se preparar, combinar o que levar, o que fazer e em que momento degustar.



Maria Izabel. Arroz de carreteiro ou Arroz de tropeiro?

Este prato tem variações em todo o Brasil. Na maioria dos estados é conhecido por Arroz de Carreteiro ou Arroz de Tropeiro, no Piauí chama-se Maria Izabel. Consiste em refogar a carne de sol picada, cebola picada e alho amassado. Acrescentar pimentão, tomate, coentro e cebolinha. Quando a carne estiver bem refogada, juntar o arroz, cobrir com água quente e finalizar o cozimento. Ao servir, salpicar coentro e cebolinha picados. A carne de sol pode ser substituída por carne de bode ou de galinha caipira.

Pela sua praticidade, pode ser servido como prato único ou acompanhado. No Mato Grosso é servido com farofa de banana e feijão empamonado, que consiste em amassar o feijão, engrossar com farinha de mandioca e misturar com linguiça frita.

Curau é canjica, canjica é mungunzá...

Festejos típicos aos devotos de Santo Antônio, São João e São Pedro são comuns em todo o país. Algumas regiões se esmeram nas danças, músicas, bebidas e, principalmente, nas comidinhas. O ingrediente que não pode faltar é o milho. Reza a tradição que, quando chove no dia de São José (19 de março), o milho semeado, resulta em colheita farta.

Curau ou canjica é um creme feito de milho verde batido no liquidificador com leite de vaca, leite de coco e açúcar. Depois de pronto, salpicar canela em pó.

Canjica ou mungunzá é feito de milho branco, leite condensado, leite de vaca, leite de coco, manteiga, uma pitada de sal e paus de canela. O milho deve ficar de molho de véspera. Cozinhar até que fique macio e acrescentar os demais ingredientes.

Barreado

É um típico prato paranaense, símbolo de fartura, festa e alegria, cuja origem, há mais de 200 anos, é objeto de discussões. Proveniente dos sítios de pescadores do litoral ou iguaria servida aos caboclos que levavam os produtos da lavoura às vilas litorâneas de Antonina, Morretes e Paranaguá, o barreado é feito com carne cozida por mais de doze horas em panela de barro hermeticamente fechada e enterrada, sobre a qual se acende uma fogueira. A panela é vedada com folhas de bananeira e “barreada” com um pirão de farinha de mandioca para evitar que o calor se dissipe. O prato é acompanhado de rodela de banana, farinha de mandioca e pimenta a gosto. Para beber, a cachaça de banana é o complemento perfeito.



PARTICIPAR

é fazer a diferença...

Participação acontece quando somos capazes de estabelecer relações, interagir para sentirmo-nos partes do processo. Dar o tom, soltar a voz, contribuir com o saber do nosso jeito, saindo da condição de espectadores para protagonistas numa dinâmica coletiva.

A participação é uma necessidade humana que integra as pessoas e eleva a autoestima. Somos cotidianamente desafiados a participar seja no ambiente familiar, profissional, seja na política, economia, interagindo na sociedade.



A participação é inerente à condição humana. Se você não participa, pode ficar frustrado, outros vão decidir e fazer por você. Você se exclui, fica alienado.



A participação não pode ser traduzida como um instrumento de promoção pessoal, mas como estímulo à capacidade criativa daqueles que estão verdadeiramente envolvidos, de forma democrática, na construção de um processo formativo.

Há vários níveis de participação, desde a mais efetiva, na qual somos parte daquilo que está sendo construído do começo ao final, interferindo nas decisões até a menos envolvida, na qual apenas somos mais um sem influenciar nos rumos dos processos.

Precisamos estar atentos aos tempos, às falas, ao silêncio. Garantir momentos de escuta, de reflexão e de liberdade de expressão, perceber e mediar conflitos. Valorizar a pessoa na sua totalidade e a diversidade do grupo. São as referências históricas que possibilitam o afirmar da identidade pessoal e coletiva, possibilitando uma participação contextualizada e pautada no diálogo capaz de gerar relações horizontalizadas.

VEM, IRMÃO
 NÃO HÁ RESERVA DE TEMPO AOS INDECISOS
 NÃO HÁ DESCULPA AOS MOLES E COVARDES
 NÃO HÁ POUPANÇA AOS QUE SE VENDEM A TIRANOS!

É TEMPO DE DECISÃO
 DE LUZ NA MÃO
 DE SEMENTE NO CHÃO!

É TEMPO DE COMBATE, IRMÃO!
 AFIA A TUA LÍNGUA
 O VIGIA JÁ, JÁ
 PODE APITAR O SINAL!

Zé Vicente



Comissões de trabalho: a arte de fazer junto

Imagine montar um quebra-cabeça faltando peças. Você nunca irá conseguir visualizar a imagem completa. Um processo formativo onde educandos (as) não partilham responsabilidades é como esta imagem faltando peças. São partes fundamentais do curso, reafirmam a importância do fazer junto ser, ao mesmo tempo, educador e aprendiz.

Uma das formas de compartilhar responsabilidades é participar das comissões de trabalho. Elas apontam caminhos, veredas que devemos percorrer observando as especificidades das ações necessárias para vivência coletiva de processos de construção de conhecimentos.

Vivenciar o processo formativo proposto pela ENFOC é algo prazeroso e desafiador. Aceitar este convite nos possibilita colher lições que renovam nossa prática sindical e inspiram a vida. A participação e a imersão de todos é o que faz a vida da escola.

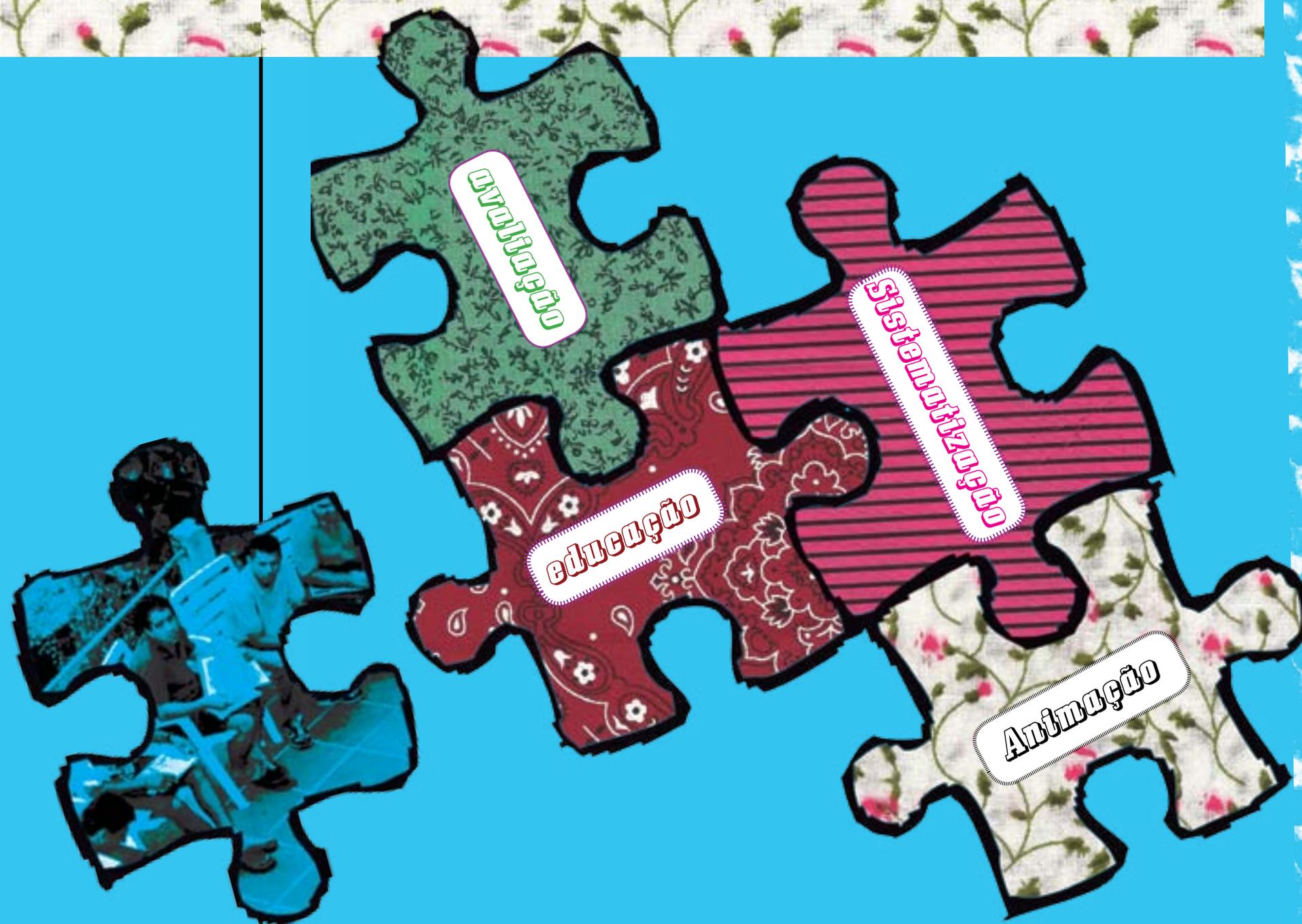
A composição desse lugar expressa acolhimento e receptividade, o que estimula o grupo a quebrar a

timidez e querer ser parte de um espaço que contribui para dinâmica do curso.

Quando isso acontece, o quebra-cabeça não está mais incompleto, já é possível apreciar a beleza contida na imagem, contemplando seus traços e cores.

As pessoas, espontaneamente, compõem as comissões de trabalho e estão imbuídas do sentimento de entrega, compromisso e envolvimento de tal forma que o tempo não é contado a partir das horas trabalhadas, mas das horas em que tiveram a possibilidade de experimentar o aprender a fazer fazendo.

É assim o nosso jeito de fazer Escola, estimulando as pessoas a compreender que não existe saber mais ou saber menos, existem saberes diferentes, jeitos diferentes, pessoas diferentes, mas que no conjunto se completam. E são essas diferenças que embelezam o todo, que faz da Enfoc um lugar de muitos aprendizados e de valorização do ser humano na sua totalidade.



Rede

de EDUCADORES e EDUCADORAS

O(a) educador(a) aprimora suas aprendizagens quando ousa compartilhar saberes e experiências, indo ao encontro das outras pessoas com as quais identifica expectativas, sonhos e ideais comuns.

Das muitas andanças, a rede de educadores (as) do MSTTR é um sonho realizado, pois não estamos sós, em cada canto do país tem alguém atuando com o mesmo propósito transformador, que induz mudanças de realidade. A relação de troca estabelecida reflete a confiança e o respeito ao outro e ao que fazemos.

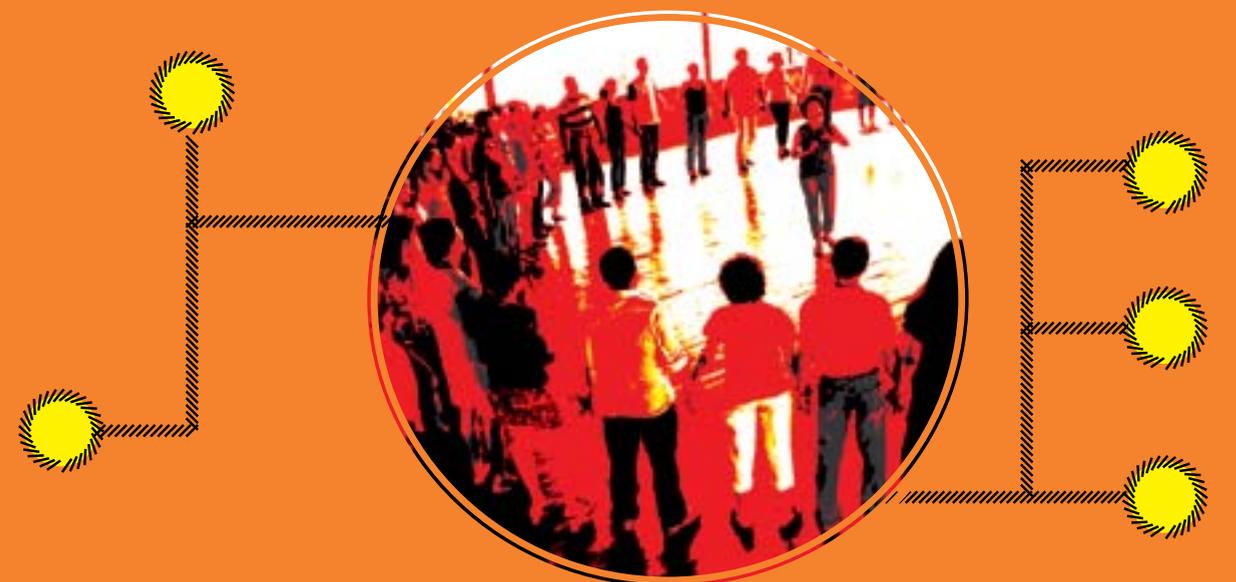
É algo maior que amizade, é interação entre os que defendem os mesmos princípios, as mesmas bandeiras. É atuar mutuamente, superar as dificuldades, é atar e desatar nós. É fortalecer o pertencimento, sentir o balançar da rede e pulsar sentimentos, seja de amor, angústia, alegria, tristeza, amizade...

É saber que, após cada encontro (curso, oficina, seminário), a rede continua em contato, está ali, solidária e amiga. Junto ou distante, consonante no

que mobiliza tanta gente na formação e nas lutas sindicais, a rede é esse lugar de aconchego, de troca de experiências, de conflitar idéias e de viabilizar passos comuns.

Reconhecer as potencialidades das outras pessoas na rede, e que elas poderão preencher lacunas é o que nos fortalece e explica a necessidade de estar junto e fazer junto. É vivenciar sentimentos de igualdade, solidariedade, pertencimento; é entrar em contato com outras realidades, recriar, saber que podemos ter experiências semelhantes, mas nunca iguais. A rede rejeita o comodismo e a competição, dimensões tão valorizadas na atualidade. Inspira a reinvenção da prática pedagógica.

Uma rede pode existir em diversos espaços, ter várias abrangências, abordar diferentes temas. O que a sustenta são os objetivos, as crenças, ideais, os sonhos convergentes, que fazem com que as pessoas queiram estar ligadas umas às outras.

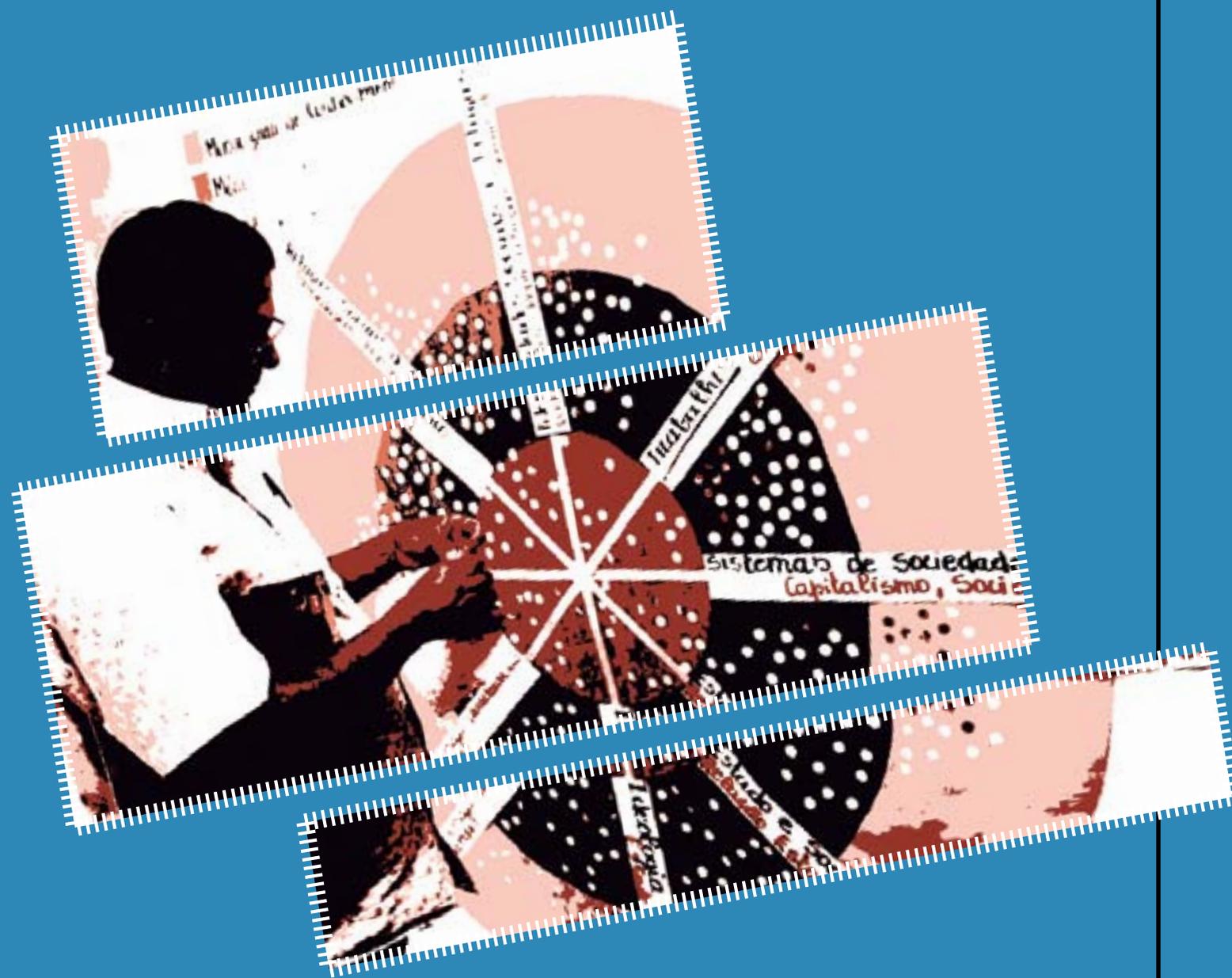


REDE SUL SEM FRONTEIRAS

Na região Sul, a discussão de rede culminou na elaboração de um projeto de ação sindical denominado "Sul sem Fronteiras". A ideia ganhou forma a partir da identificação dos desafios comuns e de um olhar crítico para o contexto do sindicalismo nos três estados da região. Ressalvando as especificidades de cada um, o grupo foi movido por uma expectativa comum de promover uma ação integrada entre federações e sindicatos, tendo como diretriz a Política Nacional de Formação, fortalecendo a intrínseca relação entre formação e prática sindical. Espera-se, com essa iniciativa, potencializar projetos organizativos e produtivos, bem como dar continuidade ao processo educativo da ENFOC.

Partilhe experiências!
Aprenda ensinando!
Fortaleça sua rede!
Construa sonhos coletivos e ajude a plantar uma nova realidade de relações sociais!

Avaliação de PROCESSOS FORMATIVOS



Corriqueiramente somos levados a avaliar situações, aprendizagens e vivências que permeiam nossa caminhada.

As vivências são apreendidas de maneiras distintas, considerando o jeito e a intensidade com que percebemos o mundo. O caminho se faz caminhando.

Nos processos formativos desenvolvidos pela Enfoc, a avaliação pressupõe ressignificar a prática, elaborá-la, recriá-la, a partir de um olhar reflexivo sobre o objeto “do vivido”, em um feito contínuo e permanente.

A avaliação é uma dimensão presente em todo o processo formativo e deve ser exercitada por todas as pessoas envolvidas. Tem a ver com atitude, precisa de coragem para olhar o caminho percorrido, abertura interior e humildade para reconhecer o que precisa melhorar e aprender. Trata-se de recolher lições.

Requer também um ambiente propício de confiança, acolhimento e respeito às diferentes opções, vivências e compreensões. Este ambiente é construído, não “cai do céu”. Precisa ser planejado e cuidado para que o grupo crie este espaço coletivo, mas também pessoal. Trata-se, portanto, de uma responsabilidade coletiva.

Implica um enfoque crítico-reflexivo da vivência educativa em todas as suas dimensões, na abordagem temática, na metodologia, nas relações interpessoais e nos significados para cada participante do que está sendo vivido. Vivenciar e mediar conflitos na medida em que as divergências forem surgindo, de modo a afinar a escuta e fertilizar o diálogo em um espaço pedagógico onde seja possível exercitar a criticidade com democracia e valorizar a construção coletiva do conhecimento.

Não termina aqui...

As contribuições deste ALMAaque foram geradas nas práticas educativas da rede Enfoc. São frutos de uma concepção pedagógica que olha a pessoa na totalidade de suas relações e dimensões, reforça princípios e valores do jeito de fazer da educação popular.

Aguçar o olhar crítico da realidade e reconhecer seus porquês, permite compreender os interesses e conflitos que compõem a vida das pessoas. É uma educação comprometida com a conquista dos direitos da classe trabalhadora e com a sustentabilidade da vida no campo.

O espaço Enfoc estimula a construção coletiva do conhecimento, valoriza as diferentes contribuições e saberes, o que permite maior envolvimento dos participantes em todo o processo. Esse movimento retroalimenta a prática pedagógica, na medida em que estimula a multiplicação criativa e a ressignificação da ação no cotidiano sindical. Aponta para a construção de novas relações sociais com equidade de gênero, respeito à diversidade de raça e etnia e às especificidades de cada geração.

A vivência da multiplicidade das experiências educativas revela o pulsar criativo que fez nascer este ALMAaque. É, portanto, um convite para novas práticas pedagógicas lúdicas e criativas, que lancem mão de diferentes linguagens e inspirem relações democráticas e participativas.

... a criatividade nos leva longe.



**Vem, ó tempo novo
Que eu te espero aqui
No campo dos meus sonhos!
Portas abertas,
Janelas escancaradas,
Desejos apetitosos,
Postos na mesa [...]**

Zé Vicente



ZÉ VICENTE

Poeta e cantador, sertanejo, cearense, nascido José Vicente Filho, é o nosso querido ZÉ VICENTE. Expressa a alma de um povo lutador, revela seus sonhos e canta suas esperanças. Sua arte é fonte de inspiração para os movimentos sociais e populares no Brasil e na América Latina. Seus versos costuram as páginas deste ALMAaque.



CHEGAREMOS, SIM
AO REINADO DA MAIS DIGNA ALEGRIA
E A FELICIDADE CONTINUARÁ SENDO
DIREITO DE CADA SER VIVO
DE TODOS NÓS.

Este almanaque foi impresso em setembro de 2011, em papel offset 115g no miolo e composto com as fontes *Calibri*, *Bullpen3D* e *Carimbo*.

